

Algumas considerações ao final deste texto

“Eu não posso estar no lugar do outro, mas posso vê-lo dentro de mim e também ver-me nele. Mas eu nunca presumiria falar pelo outro, que é perfeitamente capaz de fazê-lo por si mesmo. Eu só posso tentar criar condições para que os outros falem com suas próprias vozes, que não necessitam ser filtradas por mim. Mas se eles falarem por suas próprias vozes não há garantia de que sejam ouvidas. Estou tentando é educar os ouvidos da classe dominante branca para que saibam escutar. Não estou tentando educar os olhos e os ouvidos dos oprimidos, porque estes só podem educar a mim. Não tenho como falar por eles, mas posso falar com eles. Isso é muito importante: falar em solidariedade com o oprimido e não falar por ele.” (McLaren, 2001: 80)

Uma tese não está escrita até que ela esteja escrita! O que quero dizer com essa frase? Que os movimentos de reflexão do processo de uma tese são muitos... Neste caso, foram alguns anos tecendo meu quadro teórico, dialogando com autores, me aproximando, me aprofundando, produzindo trabalhos acadêmicos sobre esses diálogos, indo a eventos e discutindo com os pares. Precisei recortar meu objeto de análise – a prática pedagógica e os saberes que a mobilizam – e a metodologia de investigação. Tive de escolher uma escola, selecionar as professoras, assistir e anotar tudo o que o olhar que construí foi me tornando capaz de perceber. Necessitei transcrever fitas, passar a limpo o diário de campo, ler e reler tantas vezes esse material, ouvir e argumentar com os professores e professoras das bancas dos exames de qualificação, dialogar com a orientadora, apresentar conclusões parciais para colegas em diversos momentos, elaborar uma estrutura inicial para o texto da tese... Cada uma dessas fases foi longa e importante. Mas o momento de síntese final é que dá forma a este texto: tese!

E como a linguagem não é mera expressão de pensamento, não é apenas um instrumento de comunicação, mas acima de tudo, ela transforma, organiza e redimensiona a ação humana, eu comecei esta tese sendo uma e a termino como outra (a tese e eu, sua autora).

Creio que devo dizer essas coisas no início desta conclusão por alguns motivos, mas o mais importante para mim é garantir a realização de um compromisso ético no papel de uma pesquisadora do cotidiano escolar que é

deixar claro às/aos minhas/meus leitoras/es que não devem entender nada do que está escrito aqui como um julgamento das três professoras que protagonizam esta pesquisa ou das demais personagens (nada fictícias, apenas seus nomes o são) que povoam este texto. Todas as avaliações e reflexões que se encontram aqui foram fruto não de um pensar e um agir na urgência a que estamos submetidas na condição de docentes práticas, mas de muitas idas e vindas, de muitos escreve e apaga, escreve e reescreve, lê, critica e reescreve. Julgar as professoras que não tiveram chance igual ao participar de reuniões pedagógicas, responder às situações das aulas e ao responder a uma entrevista seria abominável!

Preciso dizer tudo isso também porque é necessário retribuir a confiança que essas professoras depositaram em meu trabalho de pesquisadora ao se exporem profissional e pessoalmente a mim, oferecendo suas salas de aula, seus espaços de reflexão com o coletivo da escola e suas próprias idéias em processo numa entrevista.

Feito esse esclarecimento inicial, passemos a outros...

Um de meus movimentos de idas e vindas foi com McLaren, um de meus autores referência para situar de onde partiria minha compreensão do que seja uma educação numa perspectiva intercultural crítica. Ele foi com certeza o autor que mais li, mais estudei e com o qual mais me embeveci durante todo o meu curso de doutoramento. Por quê? Porque adoro o que ele diz, porque acho maravilhoso que um autor que dialoga tão claramente com seu tempo (esse final de século XX e início de XXI), assumindo-se um multiculturalista e mesmo um pós-modernista, também se diga de esquerda e se assuma marxista! E que vigor! Que coragem tem esse pesquisador em tempos de relativismo exagerado!

No entanto, nos movimentos que são possíveis a quem escreve uma tese, cheguei a pensar em abrir mão de sua companhia nesta escrita final. Como seguir com McLaren e seus/suas “professores/as empoderados/as” diante daquelas professoras de verdade que eu tinha pesquisado?! O que eu faria?! Diria somente o que elas não são, o que não podem ser?!

Voltei-me para Perrenoud – também um dos autores referência, mas em outro campo. Trabalhei com ele para tratar das especificidades do trabalho docente nos dias de hoje. “Ensinar é agir na urgência e decidir na

incerteza!” E quando não há muito tempo para pensar, medir, avaliar, pois as respostas têm que se suceder em instantes, agimos muitas vezes de um modo do qual podemos nos arrependar depois.

Perrenoud também está interessado na constituição de uma pedagogia diferenciada. Voltei-me a ele, então. Será que ele poderia tomar o lugar de McLaren como minha referência de educação intercultural?! A banca do primeiro exame de qualificação foi testemunha desse movimento e a do segundo ainda viu um pouco disso acontecendo. Ao final desta escrita (sim, porque tenho de pôr um ponto final!), no entanto, reencontrei-me com Peter McLaren!

Ao concluir o capítulo anterior com os 15 princípios orientadores da ação docente de minhas pesquisadas com relação à diferença que enfrentam em suas salas de aula, recorri a Perrenoud, porque percebo que o que elas fazem e/ou sonham e desejam fazer já está em sintonia com o que ele propõe, mas sinto que preciso manter a perspectiva que McLaren nos ajuda a construir como um horizonte, como um caminho a percorrer.

Há maior identidade entre o que elas já fazem e o que Perrenoud defende em decorrência dos sentidos atribuídos por ele e elas à palavra diferença. Como vimos no capítulo anterior, em diálogo com os processos de formação que vivem e viveram, na ebulição de uma sala de aula cheia de vida com alunas e alunos de verdade, os sentidos da diferença que mais se ressaltam são os que tratam da individualidade, do aprendizado e do desenvolvimento. Afinal, o saber do/a professora é “uma razão prática, social e voltada para o outro”. (Tardif & Gauthier, 2001: 200)

Essas professoras significam a diferença em suas salas de aula. A dimensão cultural? Sim, esta é que ficou faltando... Mas por quê? Primeiramente, pelo que trouxemos no primeiro capítulo desta tese: em educação, a diferença já é uma preocupação há muito tempo, mas a dimensão cultural e, mais ainda, a dimensão multicultural é bastante mais recente, ainda não penetrou a formação de professoras/es o suficiente, não há sequer um convencimento no âmbito dos/as formadores/as de que deva ser tomada como uma das prioridades.

Em segundo lugar, porque, como diz Tardif, “o objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo

tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho, são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo.” (Tardif, 2002:128) Ou, como diz a professora Iara, “a diferença está, digamos, nas pessoas, né?”

O que salta aos olhos da professora no seu trabalho cotidiano é a dimensão individual, é o que fica mais claro, mais evidente, mais forte. É claro que é muito bom, que é importante que percebamos que nesse “individual” há o cultural, que nesse ou naquele grupo há múltiplas experiências e múltiplos sentidos culturais, mas há ainda um longo caminho a percorrer em nossos processos de formação.

Ter convivido com essas professoras estando eu no papel de pesquisadora me fez aprender muito. Este papel me permitiu olhar para o trabalho delas como quem está de fora. Mas sou também “alguém de dentro”, sou uma professora dos anos iniciais do ensino fundamental e uma professora que contribui com a formação de outras professoras e, portanto, também entendo os limites dos seus trabalhos, os limites de suas compreensões e de suas atuações.

Talvez se tivesse chegado à escola com um conjunto de regras para uma prática pedagógica crítica multiculturalmente orientada, eu não conseguisse enxergar o que essas professoras já inventaram em seu cotidiano. Mesmo não tendo momentos de conflitos raciais ou de gênero para relatar, ainda assim, pude elaborar um elenco de “estratégias” adotadas pelas professoras para construir as relações de tolerância, respeito e solidariedade que elas usam em seu dia a dia.

Entretanto, é preciso travar a luta por outros sentidos para a palavra diferença, assim como por uma abordagem pedagógica dela, que abranja o que McLaren chama de multiculturalismo crítico e Candau, de educação intercultural. E essa luta precisa ser travada nos espaços de formação inicial de professoras/es (hoje, cada vez mais, a universidade), de formação continuada (cursos, simpósios, congressos, fóruns, oficinas, etc) e nas publicações da área (revistas acadêmicas e de massa, livros acadêmicos e didáticos).

Perrenoud me forneceu uma pista muito importante: foi sua idéia sobre os sonhos de diferenciação¹ das professoras que me fez enxergar os

¹ Ver epígrafe desta tese.

movimentos e as potências das produções dessas mulheres professoras. Entre o/a “professor/a empoderado/a” e os “sonhos de diferenciação”, vamos nos constituindo e nos forjando professores/as críticos/as multiculturalmente orientados/as construindo, “pregando” e aprendendo uma pedagogia e uma didática interculturais.

Então, a formação continua sendo um espaço muito importante: nossas protagonistas reafirmam isso! Defendem a necessidade de que possamos ampliar nossas compreensões do mundo, defendem uma abordagem menos dogmática, com maior espaço para a reflexão e a elaboração pessoal.

Tardif (2002) aponta-nos que o fato de que, muito antes de ensinar, nós, as/os professoras/es, vivemos a sala de aula e a escola durante, pelo menos, 12 anos como alunas/os, fez com que adquiríssemos uma série de crenças, representações e mesmo certezas sobre a prática do ofício docente, assim como sobre o que é ser aluno/a. Ele também relata que “muitas pesquisas mostram que esse saber, herdado da experiência escolar anterior, é muito forte, que ele persiste através do tempo e que a formação universitária não consegue transformá-lo nem muito menos abalá-lo.” (p. 20)

Uma pista que essas professoras apontaram do que pode abalar essas crenças é o estágio, quando este apresenta bons “modelos” que nos fazem compreender e acreditar que é possível *fazer* de um outro modo.

Tínhamos uma hipótese inicial da necessidade de que a abordagem do tema das diferenças culturais na escola não deveria ser meramente conteudístico. Acreditávamos na necessidade de abalar velhas crenças e valores e que, para isso, era necessário um trabalho com outro caráter. Na pesquisa “Ressignificando a didática na perspectiva multi/intercultural”, desenvolveu-se uma experiência em um curso de graduação universitária na qual optou-se pela dinâmica com oficinas: a compreensão do grupo de pesquisa era de que o formato das aulas já deveria constituir em si parte do conteúdo da disciplina didática. Tanto lá como aqui, vimos que, para aprendermos a lidar pedagogicamente com os conflitos gerados pela diferença e “não ficar com raiva”, precisamos constituir uma didática, também na formação de professoras/es, que relacione as experiências e narrativas das/os alunas/os com os conteúdos formais, problematizando conteúdos e experiências, superando nossos próprios

preconceitos. O estágio, se bem aproveitado, fornece elementos para esse tipo de reflexão.

Outras pistas fornecidas por elas é sobre o que pode mobilizá-las para reconhecerem a importância da dimensão cultural: seus desafios – o chamado “domínio de turma”, a alfabetização de fato de todos/as os/as seus/suas alunos/as e um sentimento de maior segurança com os conteúdos ensinados. Um projeto de formação continuada que as faça perceber que a perspectiva cultural pode ajudá-las a enfrentar melhor esses desafios será bastante valorizado!

Outra hipótese inicial que foi trabalhada na pesquisa “Ressignificando a didática numa perspectiva multi/intercultural” e em que, ao chegarmos ao final desta tese, acreditamos mais firmemente é a do caminho da pesquisa intervenção. Em continuidade a esta pesquisa, estamos engendrando novo projeto em colaboração com algumas escolas onde, apostando na idéia da jurisprudência pedagógica, proposta por Tardif & Gauthier (2001), possamos apostar numa formação continuada em que a experiência do cotidiano docente possa sensibilizar e não brutalizar. Tomando a linguagem como espaço de interação, pretendemos que algumas professoras se engajem conosco num projeto de constituição de uma didática intercultural e de um currículo intercultural para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental na cidade do Rio de Janeiro.

A partir da construção coletiva dessa proposta em ação, acreditamos que será possível levá-la a outros grupos para que possam inspirar-se e dialogar conosco em outros sentidos, percebendo seus limites e suas potencialidades.

Lidar com a realidade multicultural é algo que está no nosso dia a dia, mas tornar a nossa ação profissional consciente e satisfatória é um projeto que demanda ainda um grande investimento.